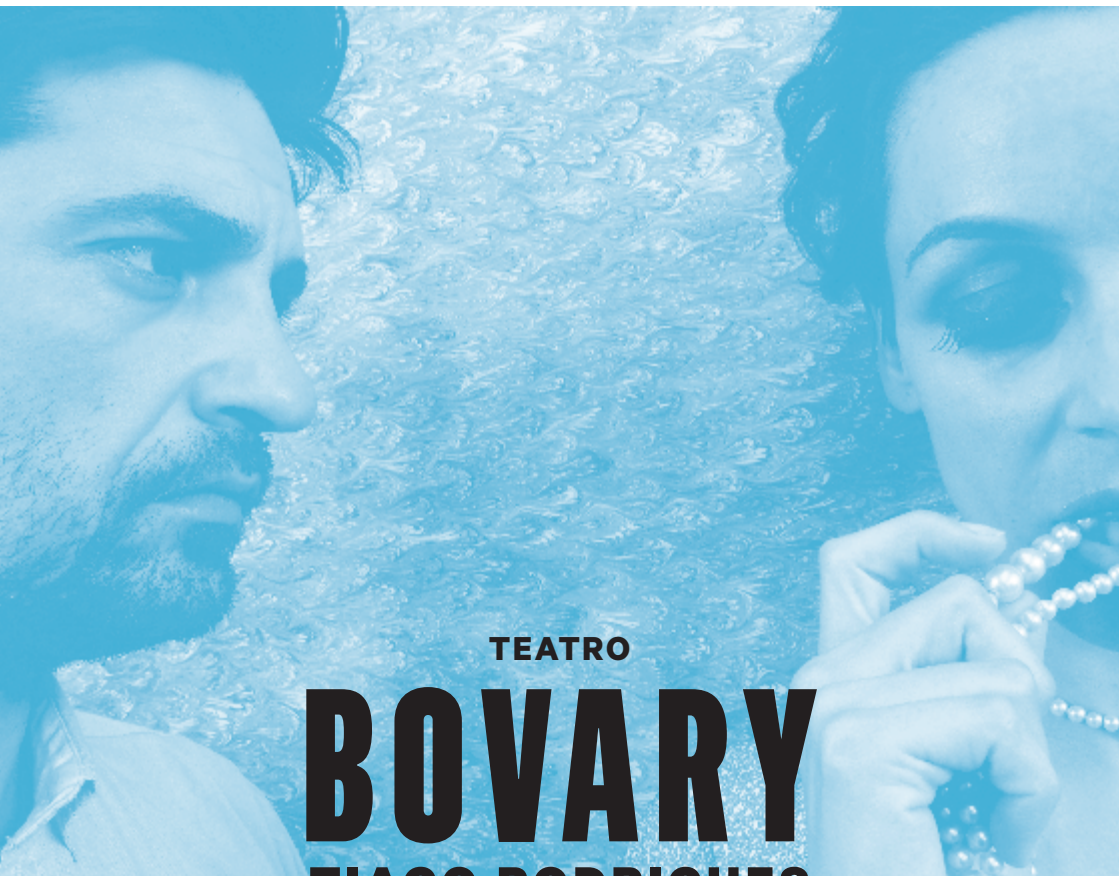


SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

ALKANTARA FESTIVAL

7 E 8 JUN

13 A 15 JUN



TEATRO

BOVARY

TIAGO RODRIGUES

MUNDO PERFEITO

SEXTA A DOMINGO ÀS 21H

DOMINGO, DIA 15 ÀS 17H30

SESSÃO LGP: 15 JUN ÀS 17H30

SALA PRINCIPAL; M/12; WITH ENGLISH SUBTITLES

DURAÇÃO: APROX. 2 HORAS SEM INTERVALO

€12 A €15 (COM DESCONTOS: €5 A 10,50)

14 JUN

CONVERSA COM

A EQUIPA ARTÍSTICA

SÁBADO DEPOIS DO

ESPECTÁCULO

Dizemos “Bovary” em voz alta e sentimos imediatamente o cheiro a perfume e escândalo. Retrato da vida de uma mulher que, buscando fugir ao tédio de uma vida banal, embarca em relações adúlteras e vive muito acima das suas possibilidades, *Madame Bovary* é hoje considerada a obra seminal do realismo e um dos marcos da literatura mundial. Publicado pela primeira vez em fascículos em La Revue de Paris, em 1856, o romance de Gustave Flaubert foi acolhido por uma parte da sociedade francesa como um atentado à boa moral cristã. Em Janeiro de 1857, começa o julgamento que senta o autor no banco dos réus, acusado de obscenidade pelo Ministério Público. Tal como em *Três dedos abaixo do joelho*, a multipremiada colagem teatral de relatórios dos censores do teatro durante a ditadura em Portugal, Tiago Rodrigues visita o território do confronto entre arte e lei, entre artistas e Estado. Em *Bovary*, o julgamento de Gustave Flaubert por atentado à moral serve como ponto de partida para uma adaptação da sua obra prima *Madame Bovary*.

Texto

Tiago Rodrigues
a partir de Gustave Flaubert

Encenação

Tiago Rodrigues

Com

Carla Maciel, Gonçalo Waddington,
Isabel Abreu, Pedro Gil e Tiago Rodrigues

Desenho de luz

Rui Horta

Música

Alexandre Talhinhos
a partir de Bach, Chopin, Donizetti,
Khachaturian e Satie

Conceito de cenografia e figurinos

Magda Bizarro e Tiago Rodrigues

Construção de cenário

Ângela Rocha

Direcção de produção e fotografia de cena

Magda Bizarro

Produção executiva

Rita Mendes

Uma produção

Mundo Perfeito

Co-produção

A L K
A N T ALKANTARA
A R A FESTIVAL

SÃO
LUIZ
Teatro Municipal

TNSJ
TEATRO NACIONAL
JOSÉ CARLOS
RODRIGUES

MUNDO PERFEITO É UMA
ESTRUTURA FINANCIADA
PELO GOVERNO DE PORTUGAL/
SECRETARIA DE ESTADO
DA CULTURA/DOARTES

doARTES
DIRECÇÃO GERAL
DAS ARTES

GOVERNO DE
PORTUGAL
SECRETARIA DE ESTADO
DA CULTURA

Apoios

SMA

CNB
COMPANHIA
NACIONAL DE
BAILADO

doe Relógio D'Água Editores



SKINLIFE
CULTURA DE BELEZA

Agradecimentos

Chloé Siganos, Francisco Garcia,
Griffe Hairstyle, Luísa Taveira,
Maria Helena Sousa Pina, Miguel Mendes,
Nicole Siganos, Tiago Guedes,
Paulo Prata Ramos, Companhia Olga Roriz,
Culturgest, The Art Inn Hotel
e Teatro Bed & Breakfast

TUDO O QUE INVENTAMOS É VERDADE

“Tudo o que inventamos é verdade; podes ter a certeza. A poesia é uma matéria tão objectiva como a geometria... A minha pobre Bovary está sem dúvida a sofrer e a chorar agora mesmo em vinte aldeias de França”

Carta de Gustave Flaubert a Louise Colet,
14 de Agosto de 1853

Quando Gustave Flaubert mostrou o manuscrito de uma primeira versão de *A Tentação de Santo António* a um grupo de amigos, foi aconselhado a queimar todas as páginas, por serem demasiado líricas. Uma vez que tinha uma tendência tão clara para o lirismo, Flaubert propôs-se encontrar um tema onde usar desse lirismo fosse obviamente ridículo e se visse obrigado a reinventar a sua escrita. O seu amigo Maxime Du Camp sugere-lhe que se dedique a temas terra-a-terra, como um desses banais incidentes domésticos da vida burguesa.

Gustave Flaubert inspira-se então na história de um médico de província, Delaunay, que tinha sido aluno de seu pai, o grande cirurgião de Rouen. Delaunay tinha-se casado com uma mulher mais velha em primeiras bodas e depois tinha ficado viúvo. O segundo casamento foi com uma mulher não particularmente bonita mas provocadora, que o desprezava por ser um homem entediante. Apesar do marido lhe dedicar uma adoração constante, ela alimentou inúmeras aventuras, adultérios e luxos. Perseguida pelos credores e abandonada pelos amantes, recusando admitir que roubara o marido, ela acabaria por se envenenar e morrer. Delaunay fica com uma filha pequena para criar mas, cercado de dívidas, arruinado e nas bocas do mundo, acaba por também ele se suicidar. Flaubert escreve a primeira linha de *Madame Bovary* em 19 de Setembro de 1851 e as

últimas correcções são feitas em 1856. O romance é publicado nesse mesmo ano, em seis fascículos, na Revue de Paris. Ainda em Dezembro de 1856, Flaubert é convocado pelo juiz de instrução, acusado de ter com o seu livro “atentado à moral e à religião”. Quando, em Janeiro de 1857 começa o julgamento, Flaubert está convencido que a sua obra não é mais que um pretexto para demolir a Revue de Paris, numa França onde o autoritarismo católico está de regresso ao poder. Absolvido por falta de provas, Flaubert torna-se famoso e a aura de escândalo criada pelo julgamento contribui para o esmagador sucesso de vendas de *Madame Bovary*. Um ano mais tarde, o livro é de tal modo conhecido que, em Hamburgo, podem ser alugadas carruagens para fins sexuais a que se dão o nome de *Bovarys*, numa clara alusão à mais controversa cena do romance, quando Léon seduz Emma Bovary num fiacre.

“As passagens que, à primeira vista, parecem as mais repreensíveis não serão elas, por isso mesmo, as mais indispensáveis? Os livros sinceros têm por vezes amarguras que salvam. Não aceito reduzir-me às literaturas adocicadas que se absorvem sem repugnância e que envenenam sem escândalo. Eu acreditava que o romancista, como o viajante, tinha a liberdade das descrições. Eu poderia, como muitos outros, escolher o meu sujeito nas classes excepcionais ou ignóbeis da sociedade. Pelo contrário, escolhi o meu sujeito na classe mais numerosa e mais banal. Que a reprodução seja desagradável, estou de acordo. Que seja criminosa, recuso.”

Notas de Gustave Flaubert partilhadas com o seu advogado durante o processo, Janeiro de 1857

JOSÉ LUÍS FERREIRA

Dizemos teatro e queremos dizer cidadania. Dizemos invenção, criação artística, e queremos dizer que não temos outro remédio senão construirmo-nos como sujeitos, como protagonistas de um mundo que gosta de parecer que nos foge. Dizemos Bovary e lembramo-nos de Flaubert e de todo o contexto em que o romance, o discurso artístico, nos aparece como transgressivo para lá daquilo que a comunidade está já preparada para aceitar. Dizemos teatro, dizemos lei e transgressão, dizemos busca e superação. Podíamos dizer mundo perfeito. Mas é melhor não exagerarmos...



IMAGINAÇÃO AO PODER

THOMAS WALGRAVE

DIRECTOR ARTÍSTICO DO ALKANTARA FESTIVAL

“A minha opinião é a seguinte: se há alguma coisa na nossa época que possa ser útil, é a violência. Nós sabemos o que esperar dos nossos príncipes. Tudo o que eles nos concederam foi-lhes arrancado pela necessidade. E mesmo essas concessões foram-nos atiradas como uma esmola mendigada e um miserável brinquedo de criança.”

Estas foram as primeira palavras – de uma carta de Georg Büchner aos seus pais em 1833 – que ouvi o Tiago Rodrigues dizer em palco. Foi no verão de 1997, quando Jorge Silva Melo convidou os tg STAN a vir ao Centro Cultural de Belém apresentar uma série de espectáculos e realizar um workshop de duas semanas com cerca de 25 jovens artistas de teatro portugueses. Tudo e todos eram jovens nessa época: o CCB existia há cerca de cinco anos, os STAN há pouco mais de oito, o Jorge ainda nem sequer tinha cinquenta. O Tiago, com 21 anos (a mesma idade de Büchner quando escreveu a carta em causa), era o mais jovem de todos nós. Ainda estava no Conservatório (Escola Superior de Teatro e Cinema), provavelmente não tinha a bagagem técnica de alguns dos seus colegas mais velhos, mas ele entrou naquele palco da Black Box e pronunciou as palavras de Büchner com uma tal clareza, autenticidade e inteligência que não havia como ignorá-lo. Seria o início de um longo romance com os STAN. O Tiago co-criaria cerca de sete espectáculos com a companhia flamenga (além de participações pontuais em várias outras peças), mas essa é toda uma outra história.

Outra vez Julho, agora em 2006. O Tiago Rodrigues convidou-me para colaborar em Urgências 2006, a segunda edição de um projecto no Teatro Maria Matos, cujo ponto

de partida era uma série de peças curtas de uma dúzia de dramaturgos portugueses e um grupo de actores perante uma pergunta: o que é que tens de urgente para me dizer?

O Mundo Perfeito tinha sido fundado três anos antes e Urgências era a primeira cristalização da forma de uma companhia que, nos anos que se seguiram, assumiria um lugar crucial no panorama do teatro português e internacional. Centrado no actor/encenador/escritor Tiago Rodrigues e na produtora/fotógrafa/financeira/e-muitas-outras-coisas Magda Bizarro, o Mundo Perfeito gera trabalho muito diverso mas sempre inovador, que concilia o contemporâneo com o acessível, a densidade com o humor. A um ritmo vertiginoso (32 produções em 10 anos!), o Mundo Perfeito desenvolve projectos que começam, muitas vezes, pela escrita de um novo texto. O resultado é um reportório espantoso, guiado pela urgência de despoletar o debate de uma série de questões prementes.

A sucessão de produções do Mundo Perfeito também pode ser lida como um processo de aprendizagem, reflectindo uma curiosidade insaciável e uma crença profunda no mote humanista do homo universalis, a imagem do artista que adquire um conhecimento geral sobre o mundo ao invés de optar pela especialização.

Um one-man-ensemble. No entanto, o Mundo Perfeito é tudo menos um empreendimento solitário. A companhia manifesta-se explicitamente como uma casa aberta, em busca constante de companheiros para a sua auto-proclamada “batalha contra as forças do mal” que assume a forma de uma série de colaborações com uma impressionante lista de artistas portugueses



e internacionais: com os libaneses RabiH Mroué e Tony Chakar em *Yesterday's Man* (2007); com João Canijo, o congolês Faustin Linyekula, a companhia norte-americana Nature Theater of Oklahoma e o croata Sergej Pristas, apenas para destacar alguns dos colaboradores das várias edições de *Estúdios* (2008 a 2010); com, entre outros, Tim Etchells, Alex Cassal, Miguel Castro Caldas, José Luís Peixoto, José Maria Vieira Mendes e Jacinto Lucas Pires, em *Hotel Lutécia* (2010); com companhias como os STAN em *Berenice* (2005), a Companhia Maior em *Bela Adormecida* (2010), os holandeses Dood Paard em *The Jew* (2011) e os brasileiros Foguetes Maravilha em *Mundo Maravilha* (2012).

Além disso, esta casa aberta contou com uma série de hóspedes regulares. Ao longo dos anos, ganhou forma um grupo de actores que passaram a pertencer de facto à companhia, ainda que mantivessem a liberdade de realizar outros projectos fora do *Mundo Perfeito*. O ensemble descomprometido, formado por Cláudia Gaiolas, Tónan Quito, Paula Diogo, Gonçalo Waddington e outros, é fundamental porque, essencialmente, o *Mundo Perfeito* faz teatro vivo: espectáculos que estão ancorados a 200 por cento no aqui-e-agora, longe das convenções de ensaiar (no sentido francês da palavra, *répéter* - repetir) e reproduzir, completamente empenhados no encontro singular entre estes actores e este público, neste espaço, nesta noite. Isto implica a grande responsabilidade (e liberdade) de os actores reinventarem o espectáculo a cada noite.

É, acima de tudo, uma forma muito generosa de fazer teatro, que tira o máximo proveito do singular poder deste meio de comunicação e que dá origem a espectácu-

los particularmente acessíveis, sem nunca se tornarem paternalistas ou populistas.

Teatro vivo. Há outra maneira através da qual o *Mundo Perfeito* entrelaça o palco e a vida. Convida Pedro Passos Coelho, João Adelino Faria, Marcelo Rebelo de Sousa, ou Alberto João Jardim directamente para o palco. Desenha um mapa de Beirute nas paredes do teatro. Os cheiros e os barulhos da cozinha de O que se leva desta vida são mais fortes do que os de uma cozinha da vida real. Para seu grande espanto, personagens e situações reencontram-se a si próprias numa sala de teatro, mais reais que reais, hiper-reais. Nos espectáculos do *Mundo Perfeito*, a distância metafórica entre palco e realidade parece, à primeira vista, ser quase zero. Este é o movimento oposto ao que acontece tradicionalmente no teatro de repertório: um grego antigo, um Shakespeare, Ibsen ou Molière é encenado para demonstrar a universalidade da condição humana, através do tempo e do espaço. Com o *Mundo Perfeito* não é um Creonte que nos coloca frente a um espelho da corrupção e cegueira do poder; é antes um Pedro Passos Coelho, que tira os sapatos e come um croissant, que se torna Creonte. Situações do jornal diário são elevadas a um patamar universal. É um modo de fazer teatro talvez próximo a alguém como o húngaro Bela Pinter, que usa temas muito locais e datados para contar histórias absolutamente universais.

Aqui, a ficção cumpre um papel central. O que o *Mundo Perfeito* faz é tudo menos teatro documental. Pelo contrário, arrasta a realidade para o palco numa maneira descaradamente manipulada e ficcionada, com uma fortíssima qualidade de “e se...”, na qual a imaginação tem toda a liberdade.

IMAGINAÇÃO AO PODER

Existe algo extremamente subversivo neste poder da imaginação, em reivindicar o direito de voltar a sonhar uma realidade inteiramente nova, ainda que esta tenha os mesmos ingredientes da antiga. É algo muito próximo da quase infantil e provocadora ingenuidade dos Dadaístas (basta olharmos para o nome da companhia), de um Kurt Schwitters que afirmaria: exigimos a abolição imediata de todos os abusos em todo o mundo (no manifesto *An alle Bühnen der Welt*).

Falando do mundo: surpreendentemente, o Mundo Perfeito, com os seus espectáculos partindo de temas muito específicos e locais, é, de longe, a companhia de teatro portuguesa com mais ampla visibilidade internacional. Isto diz muito acerca da necessidade de autenticidade e identidade no teatro, tal como também diz muito sobre o mal-entendido do chamado Euro teatro universal. Mas a prosperidade da vida internacional do Mundo Perfeito é também um sinal claro do singular modo de operar desta estrutura: é uma entidade orgânica, muito distante do funcionamento quase marcial da companhia de teatro convencional, com os seus generais artísticos, as suas brigadas de administradores, escritórios de produção e especialistas em comunicação, as suas tropas de actores e técnicos. No Mundo Perfeito, a mesa da cozinha e a cabina técnica, a casa de banho e o camarim, estão intimamente ligados. Eles não precisam de muitas reuniões para organizar as coisas. O Tiago comparou o funcionamento do Mundo Perfeito a “um pequeno comércio local, a mercearia da esquina, onde a tônica é o humano, o autêntico e o honesto, onde sabemos de onde vêm os produtos e para onde vão”. Mas também lhes podemos chamar uma companhia de guerrilha,

altamente manobrável, viajando com pouca carga, diminuindo ao mínimo a distância entre as fileiras. Uma estrutura completamente alinhada com as necessidades do projecto artístico.

Dez anos de Mundo Perfeito. É uma armazém cheio de cenários. Uma estante com guiões de textos, as falas sublinhadas a caneta de feltro fluorescente. Um percurso feito de desafios, percorrido à velocidade de uma montanha russa, guiado pela fome de descobrir novos territórios, de ultrapassar limitações. E ainda há um mundo inteiro lá fora, à espera de perfeição.



BIOGRAFIAS

TIAGO RODRIGUES

texto, encenação e interpretação

Actor, dramaturgo e encenador cujo teatro subversivo e poético o afirmou como um dos mais relevantes jovens artistas portugueses. O seu ritmo de trabalho é surpreendente: com a sua companhia, Mundo Perfeito, criou mais de 30 peças durante a última década que foram apresentadas tanto em Portugal como em França, Reino Unido, Bélgica, Holanda, Hungria, Noruega, Suécia, Itália, Eslovénia, Espanha, Itália, Suíça, Líbano e Brasil. Aos 21 anos, desiste da escola de teatro para trabalhar com a companhia belga tg STAN, com a qual continua a colaborar desde 1998, tendo co-criado e interpretado espectáculos apresentados em mais de 15 países. Também colaborou com outras companhias, coreógrafos e cineastas, assim como tem dedicado uma parte da sua actividade ao ensino, à curadoria e ao desenvolvimento de projectos artísticos comunitários. Desde os 26 anos, que trabalha como professor convidado na escola de dança contemporânea PARTS, em Bruxelas, dirigida pela coreógrafa Anne Teresa De Keersmaeker. Profundamente enraizado numa tradição de teatro colectivo, as suas últimas peças destacam-se pela forma como manipulam documentos com ferramentas teatrais, combinando as vidas pública e privada e desafiando a nossa percepção de fenómenos históricos e sociais.

CARLA MACIEL

interpretação

Carla Maciel estreou-se em Teatro em 1992. Tem colaborado com Miguel Seabra, Gonçalo Amorim, Solveig Nordlung, Nuno P. Custódio, Tiago Rodrigues, Marco Martins, Gonçalo Waddington, João Lourenço, Sofia Dias & Vítor Roriz e recentemente com Beatriz Batarda. Em cinema participou em *Alice* de Marco Martins,

A Morte de Carlos Gardel de Solveig Nordlung, *Adriana* de Margarida Gil, *Jaime* de António Pedro Vasconcelos, *Capitão Falcão* de João Leitão. Em Espanha integrou o elenco da série *Pepe Carvalho*. Participou na série francesa *Maison Close*, e nas séries portuguesas *Laços de Sangue* da SIC e *Os Nossos Dias*, *Odisseia*, e recentemente *Mulheres de Abril* para a RTP.

GONÇALO WADDINGTON

interpretação

Gonçalo Waddington já foi dirigido em teatro pelos encenadores Carlos Avilez, João Lagarto, Bruno Bravo, Miguel Seabra ou Jorge Silva Melo, entre vários outros. Além do reconhecimento atingido no teatro, Gonçalo Waddington tem visto o seu percurso em cinema e televisão ser igualmente celebrado. No cinema trabalhou com os realizadores Tiago Guedes e Frederico Serra em *Coisa Ruim*, participando depois em *Alice*, de Marco Martins e *Mal Nascida*, de João Canijo. Em televisão, destaca-se a sua interpretação na série *Até Amanhã Camaradas*, de Joaquim Leitão, na série de humor *Os Contemporâneos*, na minissérie *Noite Sangrenta* e na série *Odisseia*, da qual é co-autor.

ISABEL ABREU

interpretação

Isabel Abreu foi dirigida por encenadores como Marco Martins, Tiago Guedes, Nuno Cardoso, Ana Luísa Guimarães, Rui Mendes, João Mota, entre muitos outros. Além do seu percurso premiado como actriz de teatro, Isabel Abreu também ganhou notoriedade e reconhecimento pelo seu trabalho em televisão e cinema. Entre várias distinções, recentemente foi nomeada para o prémio de Melhor Actriz no Festival Internacional de Televisão de Monte Carlo, pela sua interpretação na minissérie *Noite Sangrenta*.



Em cinema, trabalhou com realizadores como Sandro Aguilar, Tiago Guedes e Frederico Serra, entre vários outros. Participou recentemente na fotonovela escrita por Tiago Rodrigues, editada pela Revista Granta.

PEDRO GIL

Interpretação

Pedro Gil é actor desde 1999. Trabalha irregularmente com as companhias Artistas Unidos, o Bando, Mala Voadora e Mundo Perfeito. Colaborou com criadores como Francisco Salgado, Gonçalo Amorim, João Brites, Jorge Andrade, Jorge Silva Melo, Letizia Quintavalla, Miguel Loureiro, Miguel Seabra, Pedro Carmo, Tiago Rodrigues, Rita Calçada Bastos ou Rui Horta. Interpretou textos de autores como Chris Thorpe, José Maria Vieira Mendes e Miguel Castro Caldas. Entre 2004 e 2012 dirigiu com Ana Pereira uma estrutura de criação e de produção. Residente assíduo no Espaço do Tempo em Montemor-o-Novo, dirigiu vários projectos em colaboração com artistas como Cláudia Varejão, Diogo Mesquita, João Gambino, Jorge Silva Melo, Patrícia Portela, Pedro Carmo, Pedro Costa, Pedro Silva, Romeu Costa e Tónan Quito.

RUI HORTA

desenho de luzes

Rui Horta começou os seus estudos de dança com 17 anos no Ballet Gulbenkian. Foi um dos nomes marcantes de uma geração de novos bailarinos e coreógrafos portugueses. Em 1990 iniciou a SOAP uma companhia residente no Kunstlerhaus Mousonturm, Frankfurt, com quem criou diversas obras que circularam nos mais importantes teatros e festivais do mundo: Nova York, Berlim, Toronto, Tóquio, Lyon ou Paris. Em 2000 regressa a Portugal (Montemor-o-Novo), onde estabelece O Espaço do Tempo, um dos

locais centrais de produção de arte do país. As suas peças continuam a circular no circuito de dança internacional por companhias de dança contemporânea de renome. Rui Horta foi responsável pelos desenhos de luz, cenário, em Stravinsky's Rakes Progress no Theater Basel ou recentemente no Flowering tree, de John Adams na Fundação Calouste Gulbenkian.

ALEXANDRE TALHINHAS

Música

Licenciado em tradução Técnica, económica e literária pelo ISLA. Colaborou semanalmente como crítico musical para o jornal Correio da Manhã, como responsável pela coluna “Novos sons” e selecção Myspace. Também colabora bi-mensalmente com a revista Dance Club, onde é responsável pela coluna “Bass Galaxy”. Exerce a actividade de Djing, mais reconhecida na vertente drum'n'bass. É membro da Cooltrain Crew e já participou numa tour ibérica que potenciou a criação do CD-compilação Southeast D'n'B Flavas, bem como um programa colectivo na rádio Oxigénio. Com Dj Riot, foi criador da banda sonora para o projecto *Urgências 2007*, com encenação de Tiago Rodrigues e apresentado no Teatro Maria Matos em Lisboa. É membro da banda Macacos do Chinês, cujo primeiro álbum “Ruído Reais” foi lançado em 2009, pela label Enchufada, contando com o apoio da Antena 3.

MAGDA BIZARRO

Direcção de produção, cenário e figurinos

Licenciada em Química pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, foi pesquisadora científica antes de iniciar a sua carreira nas artes. Após ter colaborado com alguns grupos de teatro como produtora executiva e fotógrafa de cena durante a década

BIOGRAFIAS

de 90, Magda Bizarro criou a companhia Mundo Perfeito em colaboração com Tiago Rodrigues em 2003. Magda Bizarro é directora de produção e responsável administrativa do Mundo Perfeito e já contribuiu criativamente para a concretização de mais de 30 espectáculos da companhia. Nesta estrutura começou a assumir um papel criativo nas decisões artísticas relacionadas com cenário, figurinos, fotografia de cena, divulgação e desenvolvimento dramaturgico, tornando-se uma produtora criativa com extrema versatilidade. Além do seu trabalho no Mundo Perfeito, tem também desenvolvido trabalho premiado na área da fotografia, colaborando nesta área com diversas companhias. Recentemente, expôs algumas das suas obras na exposição “O desconcerto do Mundo” durante as celebrações do 10.º aniversário do Mundo Perfeito.

RITA MENDES

Produção executiva

Licenciada em Enfermagem, tendo exercido funções como enfermeira até 2010. Em 2007 frequentou a ESD. Em 2009 inicia os estudos na Faculdade de Letras de Lisboa, em Estudos Artísticos. Tem vindo desde então a colaborar em projectos vários como intérprete (Drifting de Gustavo Ciríaco e António Pedro Lopes, World of Interiors de Ana Borralho e João Galante e MONSTER de Carlota Lagido), criadora e assistente de produção, nomeadamente, no *alkantara* 2012. Trabalha com o Mundo Perfeito como assistente de produção desde 2013. Faz parte do colectivo Westwood & Strides dedicado à ilustração com colagem.

ÂNGELA ROCHA

construção de cenário e figurinos

É diplomada em Teatro no curso de Cenografia e Figurinos pela Escola Superior de Teatro e Cinema em 2010. Tem experiência profissional na área de cinema como assistente do Director de Arte e decôrs na longa-metragem *O frágil som do meu motor* de Leonardo António (2011). Foi aderecista na curta-metragem *Os vivos também choram* de Basil da Cunha (2011). Estagiou em Roma como bolseira do Programa Leonardo Da Vinci na Companhia Matéria Viva trabalhando com Figurinista (2012). Assinou os figurinos de luz para a performance *Come in un sogno* desta companhia (Roma 2012). Desde 2012 até ao presente foi assistente de cenografia e figurinos na companhia Artistas Unidos desde a inauguração na Politécnica. Também foi a cenógrafa da peça *Monólogo sem título* de Daniel Keene já em 2013 e executou os figurinos e adereços da peça infantil *O Mundo das Cores* da Escola das Mulheres no mesmo ano. Já em 2014 concebe o espaço cénico da peça *Por um Dia Claro* de Ana Lázaro, que participou no FestivalBlackSea International Theatre na Turquia. É actualmente cenógrafa do grupo coletivo CH4, altamente inflamável. É também responsável pelos objetos cénicos do núcleo criativo Dobrar. Em 2014 participa em parceria com outros artistas na concepção de um festival de cultura local em espaços habitacionais denominado *Condomínio*.

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

Direção Artística Temporada 2013-2014

José Luis Ferreira

Directora

Aida Tavares

Adjunta da Direção

Margarida Pacheco

Secretariado de Direção

Olga Santos

Direção de Produção

Tiza Gonçalves (directora)

Susana Duarte (adjunta)

Mafalda Sebastião

Margarida Sousa Dias

Direção Técnica

Hernâni Saúde (director)

João Nunes (adjunto)

Iluminação

Carlos Tiago

Ricardo Campos

Ricardo Joaquim

Sérgio Joaquim

Maquinistas

António Palma

Cláudio Ramos

Paulo Mira

Vasco Ferreira

Som

Nuno Saias

Ricardo Fernandes

Rui Lopes

Encarregado Geral

Manuel Castiço

Secretariado Técnico

Sónia Rosa

Direção de Cena

José Calixto

Maria Távora

Marta Pedroso

Ana Cristina Lucas (assistente)

Direção de Comunicação

Ana Pereira

Luis Gouveia Monteiro

Nuno Santos

Bilheteira

Cidalina Ramos

Hugo Henriques

Soraia Amarelinho

Frete de casa

Letras e Partituras

Assistentes de sala

Carla Pignatelli

Carolina Alves

Carolina Serrão

Cristiano Varela

Delfim Pereira

Domingos Teixeira

Filipa Matta

Hernâni Baptista

Inês Worm

João Cunha

Leonor Martins

Manuel Veloso

Maria Veloso

Paulo Daniel

Paulo Soares

Severino Soares

Carlos Ramos (assistente)

Segurança

Securitas

Limpeza

Astrolimpa



© MAGDA BIZARRO



© MAGDA BIZARRO

© MAGDA BIZARRO

WWW.MUNDOPERFEITO.PT
WWW.ALKANTARAFESTIVAL.PT
WWW.TEATROSAOLUIZ.PT